

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ

RENATA RACHELLE RÊGO LOPES

***HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL: UMA ANÁLISE
DA TRADUÇÃO DE LYA WYLER***

TERESINA
2021

RENATA RACHELLE RÊGO LOPES

***HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL: UMA ANÁLISE
DA TRADUÇÃO DE LYA WYLER***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina TCC como requisito parcial para obtenção do grau da Graduação no Curso de Licenciatura Plena em Letras Inglês pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI, sob orientação da Prof.^a. Ms. Lina Maria Santana Fernandes.

TERESINA
2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

RESUMO

O presente trabalho tem, como objetivo geral fazer uma análise da tradução da obra de J. K. Rowling, *Harry Potter e a pedra filosofal* (2000), realizada por Lia Wyler, verificando-se se houve desconformidade do texto original com o texto traduzido, à luz dos teóricos que abordam o tema como Steiner (2005), Delisle (2002), Silveira (2004), Jakobson (2007), Ronai (2012), dentre outros. A metodologia da pesquisa utilizada no presente trabalho foi a bibliográfica pois permitiu uma melhor análise na comparação do conteúdo. Não encontramos perda da identidade da obra na observação de palavras criadas pela autora e adaptadas pela tradutora, ao contrário, vimos que ajudou na recepção da obra diante do público.

Palavras-chave: Harry Potter; Tradução; Fidelidade; Técnicas tradutórias.

ABSTRACT

This paper has as a general purpose do an analyse of the translation, of J.K. Rowling's book Harry Potter and the sorcerer's stone's (2000), by Lia Wyler following the studies of Steiner (2005), Delisle (2002), Silveira, Jakobson (2007), Ronai (2012), among others. The chosen methodology was bibliographic whereas allowed us a better content analysis. We haven't found any loss of the identity of the book related to the new words of the Harry Potter's universe created by the author and adapted by the translator.

Keywords: Harry Potter; Translation; Fidelity/Faithfulness; Translation Techniques.

Words are, in my not so humble opinion, our most inexhaustible source of magic, capable of both inflicting injury and remedying it.

(J.K.Rowling)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus pela minha vida e de minha família.

Agradeço a minha família pelos modelos de resiliência, amor, persistência, dedicação, paciência, força, determinação, e pelos cuidados que nunca me faltaram.

Agradeço a UESPI por ter proporcionado um curso público com excelentes professores.

Agradeço minha orientadora Prof^a. Ms. Lina Maria Santana Fernandes, pela orientação e paciência no decorrer deste trabalho de conclusão de curso. Por ter incentivado, orientado e proporcionado a experiência do PIBID.

Agradeço à professora da disciplina Prof^a. Dra. Marlia Riedel e Prof^a Sharmilla que me auxiliaram nessa caminhada final de curso.

Agradeço ao Prof. Mário Eduardo pela orientação e oportunidade de experiência junto à PREX.

Agradeço aos meus colegas e amigos de curso pelos maravilhosos momentos que passamos juntos durante esse tempo e pelas inúmeras memórias criadas que perdurarão durante os anos.

LISTA DE TABELAS

1. Tabela 01 – Muggles	24
2. Tabela 02 – Casas de Hogwarts	26
3. Tabela 03 – Rúbeo Hagrid	27
4. Tabela 04 – Feitiços	30
5. Tabela 05 – Poesia	30

LISTA DE FIGURAS

1. Figura 01	15
2. Figura 02	15
3. Figura 03	16
4. Figura 04	16

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 TRADUÇÃO VERSUS FIDELIDADE	13
2.1 Tradução	13
2.1.1 Técnicas de tradução	17
2.2 Fidelidade	19
3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	21
3.1 Tipo de Pesquisa	21
3.2 Amostra	21
3.3 Técnica de Coleta de Dados	21
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	22
4.1 Palavras referentes ao mundo mágico de Harry Potter.....	23
4.2 Rúbeo Hagrid	26
4.3 Títulos	28
4.4 Feitiços	29
4.5 Poesia	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

1 INTRODUÇÃO

Apesar de a tradução ser decorrente de um texto já existente, ela é considerada uma produção, ou seja, trata-se de um ato criativo, “a tradução é paralela à própria criação” (CARVALHAL, 1993, p.47), isso porque ocorre não somente a transcrição de signos linguísticos de uma língua para outra, mas também uma interpretação desses signos. Falamos aqui da tradução interlingual descrita por Jakobson (2003, p.64), que nos ensina que ao traduzir:

...substituem-se mensagens em uma das línguas, não por unidades de código separadas, mas por mensagens inteiras de outra língua. Tal tradução é uma forma de discurso indireto: o tradutor recodifica e transmite uma mensagem recebida de outra fonte. Assim, a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes.

Portanto, o tradutor trabalha como intérprete dessas mensagens, que podem sofrer perdas de palavras ou significados durante esse processo de recodificação, do idioma original para o idioma traduzido. O texto toma nova forma, porém buscando sempre manter-se fiel à mensagem a ser transmitida.

A tradução se faz importante, pois é através dela que a comunicação em alta escala entre as nações e suas culturas se realiza. Por exemplo, uma pessoa, que não possui o conhecimento da língua inglesa, ao assistir a um Oscar na televisão, um filme ou série favorita, ou ler um livro do seu autor, “estrangeiro” predileto, conseguirá entender o evento, o filme, a série, o livro, se estes estiverem em português, quer seja dublado ou legendado nos três primeiros exemplos acima citados ou reescrito, no último, em português. Isso se deve porque tais obras passaram por um processo de tradução, do inglês para o português, fazendo com que essa pessoa pudesse compreendê-las e apreciá-las. Essa compreensão, oferecida para não falantes de língua inglesa, faz com que o tradutor seja de extrema relevância para o sucesso de tais obras, ao redor do mundo pois, se a obra fosse somente veiculada nos idiomas originais, possivelmente não alcançaria um público maior e seria apreciada somente na sua região ou por um grupo muito

pequeno de pessoas que dominam o seu idioma. Portanto, peças de William Shakespeare, como *Romeu e Julieta* (1595) e *Macbeth* (1606), ou romances de Jane Austen, como *Orgulho e Preconceito* (1813) e *Razão e Sensibilidade* (1811), dentre outros, por exemplo, seriam somente apreciadas por falantes de língua inglesa ou pessoas que possuem o domínio desta língua, deixando as pessoas que não compreendem o idioma sem acesso a essas obras atemporais.

O trabalho do tradutor é considerado arte e criação, pois encontrar equivalências para as expressões apresentadas na obra na língua original, ou texto de partida, não é tão simples. Ater-se ao que o autor quer transmitir e adequar, muitas vezes, a uma realidade que não se percebe na língua de chegada ou traduzida, parece ser bem desafiador, ainda mais quando na obra existem palavras novas, criadas para apresentar um universo inventado pelo autor, como no caso a ser estudado e analisado, a obra de Joanne Rowling, *Harry Potter and the Sorcerer's Stone* publicada em 2018, em que apresenta, para o público infanto-juvenil, um novo universo de magia, cheio de expressões próprias que farão parte da literatura britânica e mundial.

O livro de Rowling, cujo título no Brasil é *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, conta a vida de Harry Potter uma criança bruxa criada pelos tios em uma cidade fictícia de Londres chamada *Little Whinging*, onde Harry é tratado com desprezo pelos tios e constantemente sofre *bullying* por parte de seu primo Duda. Um dia, Harry recebe uma carta pelos correios endereçada a ele, e fica surpreso, pois mostra exatamente onde Harry vive - dentro de um armário sob a escada. Porém, seu tio intercepta a carta e a rasga. No entanto, as cartas não param de chegar e seus tios decidem isolar-se em uma pequena cabana no alto de uma ilha.

Apesar da luta dos tios em esconder a situação, a verdade vem à tona, ao receberem a visita do gigante, Hagrid, que chega derrubando a porta do casebre com a missão de levar Harry à Hogwarts. Contudo, ele se depara com o fato de que o garoto não tem noção do que o aguarda - pois ele não sabe que é bruxo e que, ao completar 11 anos de idade, ele poderá ingressar em uma escola de magia e bruxaria chamada Hogwarts. A partir daí, Harry conhece um novo mundo cheio de

magia, onde irá enfrentar vários desafios e fazer amizades que vão durar por toda sua vida.

Diante do exposto, o presente trabalho visa analisar a obra *Harry Potter and the Sorcerers Stone* da autora Joanne Rowling em seu texto original, em inglês, e seu texto traduzido por Lia Wyler para o português, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, verificando se há, ou não, perda da identidade da obra original no processo de tradução, pois é sabido que, ao se traduzir uma obra, poderão acontecer alguns impasses no que se refere à cultura dos países e à sua língua¹, que tem seus próprios aspectos. Serão observados e analisados trechos da obra com o intuito de verificar se a mensagem no texto traduzido é semelhante à do texto original.

Tal processo não é simples, uma vez que, para se obter um resultado satisfatório, o tradutor terá que ter conhecimento vasto sobre a área a ser traduzida, conhecer seu contexto sociocultural e dominar o idioma original. Neste trabalho analisamos tais aspectos para responder à pergunta que norteia este trabalho: a tradução da obra *Harry Potter and the Sorcerer's Stone* (2018) para o português, *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2000), é fiel à obra original nos trechos analisados?

Busca-se, então, características que indiquem tal fidelidade do texto traduzido, levando em consideração as técnicas apresentadas por Vinay e Darbenet (1995).

Levanta-se as seguintes hipóteses: Houve perda da identidade da obra no processo de tradução, tendo em vista um novo universo criado pela autora com expressões nunca vistas em obras anteriores; A personagem Hagrid na obra traduzida fora mantida fiel à original; Houve adaptação no processo de tradução que interferiu no entendimento cultural da obra.

Logo, para analisar tal questionamento sobre os temas envolvidos, como tradução, técnicas tradutórias e a própria fidelidade na tradução, iniciar-se-á através da busca pela fidelidade de um texto literário que consiste em assunto que, apesar

¹ É “um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.” SAUSSURE, p.15.

de já ter sido discutido, ainda está longe de se encontrar um único conceito, pois ele é relativo e obtido através das perspectivas de cada tradutor. Alguns levam em consideração a fidelidade dos seus significantes e significados juntos, ou seja, buscam substituir as palavras do texto original com palavras de iguais significado no texto meta, outros levam em consideração a interpretação do texto literário, não se atendo ao uso das mesmas palavras do texto original, conquanto que mantenham a mensagem que o autor quer transmitir.

Com o avanço das tecnologias dos meios de comunicação, nas discussões sobre uma boa tradução, acabaram dando voz aos próprios leitores de obras e suas discussões sobre o assunto, cujas opiniões questionam até a habilidade do profissional diante de seu trabalho. Como no caso da obra traduzida desse trabalho, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, que fora criticada por alguns por adaptar palavras específicas do universo criado por Rowling.

A tradutora, Lia Carneiro da Cunha Alverga-Wyler, cuja carreira vai de secretária auxiliar de reservas de voo e funcionária consular a tradutora e interprete. Também foi professora de Inglês e coordenadora de material didático no *Brittannia Special English Studies*. Estudou na PUC-RJ, onde fez Bacharelado e Licenciatura em Letras Português-Inglês, com especialização em tradução.

Na ECO-UERJ, conquistou o título de Mestre em Comunicação em 1995, defendendo a dissertação cujo título foi *Tradução no Brasil: o ofício de incorporar o outro*. Começou a traduzir textos de ciências, humanidades e ficção da década de 1970. Suas traduções incluem verbetes para enciclopédias, textos técnico-científicos, obras de divulgação científica, literatura culta e comercial de autores como Margareth Atwood, Stephen King, Sylvia Path, Tom Wolfe, e os livros da série em análise neste trabalho que lhe renderam alguns prêmios: Prêmio Monteiro Lobato, como “A melhor Tradução Criança”, pelos três primeiros livros da série Harry Potter; Menção “Altamente Recomendável FNLIJ” pela tradução dos três primeiros livros da série Harry Potter; Menção “Altamente Recomendável FNLIJ categoria Tradução Jovem” pela tradução de *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, de J. K. Rowling; Menção “Altamente Recomendável FNLIJ” pela tradução de *Harry Potter e o Cálice de Fogo*.

O “descompasso” que envolve o tema fidelidade na tradução é o que motiva o desenvolvimento do presente estudo e com sua contribuição para o meio acadêmico e, principalmente, para ampliação das discussões sobre fidelidade em textos literários nos estudos da tradução.

Neste sentido, o objetivo do trabalho foi verificar se houve fidelidade na tradução feita por Wyler em *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2000). Para alcançar tal objetivo geral elencou-se os objetivos específicos que são: a identificação de quais processos tradutórios Wyler utilizou na obra a ser analisada; e descrever as técnicas por ela utilizadas. Através de observação e análise de trechos da mesma, verificou-se que a tradução fora fiel de acordo com a proposta do presente trabalho.

Para o desenvolvimento desse trabalho, utilizamos a pesquisa bibliográfica e documental, pois estas oferecem os materiais e dados necessários para discussão e apresentação do mesmo.

O presente trabalho está dividido em seis tópicos. Na introdução, se apresenta a importância do tema, assim como a obra foi analisada e os objetivos alcançados. Logo em seguida, houve o embasamento teórico traz os teóricos que discutem acerca dos questionamentos levantados neste trabalho. O terceiro tópico, trata sobre a Metodologia utilizada nessa investigação, com o tipo de pesquisa, quanto a amostra e a técnica de coleta de dados. Logo depois da metodologia, a análise e discussão de dados são apresentadas através de comparações de trechos da obra em análise. E, por fim, no último tópico são apresentadas as considerações finais.

2 TRADUÇÃO VERSUS FIDELIDADE

Uma tradução de uma língua X para uma língua Y, tornará clara a suposição de uma mensagem a ser transmitida, estando, essa mensagem, subentendida em ambas as línguas. No entanto, quando há uma tradução cheia de expressões aparentemente similares, mas que perde o elo do significado, podemos dizer que houve uma tradução pobre, ou a falta de fidelidade.

Discorreremos aqui sobre fidelidade, porém antes de falarmos das nuances acerca do tema, serão apresentados alguns conceitos de tradução e a sua importância para a sociedade

2.1. Tradução

Quando se fala na importância da comunicação entre os povos, não há como desprezar um assunto tão importante quanto a tradução, pois esta “está totalmente implícita na comunicação mais rudimentar. Está explícita na coexistência e no contato mútuo das milhares de línguas faladas no mundo” (STEINER, 2005, p. 493) e, apesar de as novas tecnologias ajudarem a conectar mundos distantes, é através da tradução que se é entendido o conteúdo nos documentos compartilhados. A tradução tem, como finalidade, o acesso a tais documentos, como descreve Delisle (2002, p.11):

A finalidade principal da tradução sempre foi e será dar acesso as produções estrangeiras (textos literários ou não). Qualquer que seja a língua, sempre haverá menos leitores capazes de ler a versão original de uma obra do que leitores potenciais dessa obra. As traduções dispensam da leitura do original paliando nossa ignorância em relação as línguas estrangeiras. Em todos os domínios da atividade humana, a tradução tem sido um poderoso fator de progresso.

Percebe-se, portanto, que o que “afasta” os povos é a língua, pois existindo idiomas diferentes, as pessoas tendem a se distanciarem, e a tradução vem com o

intuito de reconectar, unir o que fora separado, através de pessoas, tradutores, que se propõem a aprender um novo idioma, e que conectam a ‘sua realidade à realidade do idioma aprendido’, possibilitando, assim, a comunicação.

Essa comunicação se dá como descreve Jakobson (2007, p.64), em três aspectos:

- 1) A tradução intralingual ou *reformulação* (*rewor-ding*) consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua;
- 2) A tradução iriterlingual ou *tradução propriamente dita* ‘consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua;
- 3) A tradução inter-semiótica ou *transmutação* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais.

É possível notar a tradução intralingual na comunicação entre mãe e filho, quando este pergunta o significado de uma palavra, por exemplo, “chocolate”. A busca da mãe por palavras da mesma língua que expliquem “chocolate”, como: “produto alimentar feito de cacau, açúcar e substâncias aromáticas²”, caracteriza tal tipo de tradução, apresentada por uma diferença de experiência de vida, pois a criança ainda está descobrindo o mundo, com suas palavras e significados. Porém, existem motivos diversos para tal tradução ocorrer, Steiner (2005, p.58-59) expõe a diferença entre classes sociais:

Os privilegiados se dirigem ao mundo em geral como o fazem a si mesmos, num uso conspícuo de sílabas, frases, proposições concomitantes com seus recursos econômicos e com os espaçosos quarteirões em que constroem suas residências. Homens e mulheres da classe baixa não falam com seus patrões e inimigos do mesmo modo que falam como falam entre si, guardando para uso interno a riqueza expressiva de que dispõem. Para um ouvinte de classe alta ou média, o autêntico jogo de linguagem que se dá no porão ou numa casa operária é mais difícil de penetrar do que em qualquer clube.

É notado também a necessidade dessa tradução quando se fala dos regionalismos, como apresentados, em alguns trechos da obra: *Vida Gemida em Sambaíba*, por Fontes Ibiapina (1985): “... Dezembro dia 14: a matutada sambaibense amanheceu

² Dicionário da Língua Portuguesa. Larousse Cultural. (1992, p. 216)

de crista caída” (p.13); “... as chuvas dos cajus que não vieram, mas a matutada sambaibense não perde assim a esperança de uma hora para outra”; “de tudo isso o cabra sambaibense sabe” (p.94); “mas nada disseram, que não eram nem bestas.” (p.123); “Um homem que nada possuía de seu, além de pobre carregado de filhos e uma mulher nas costas e não andar tão aperreado!? (p.48).

Percebe-se que os trechos carregam evidentes marcas da linguagem nordestina, marcada por vícios linguísticos da fala oral local, como “crista caída”, “chuva do caju”, “bestas” e “aperreado”. Vê-se que a tradução interlingual se faz necessária para um leitor não familiarizado com tais expressões nordestinas.

Já na tradução intersemiótica, percebemos o quão sutil a tradução pode ser, pois não haverá tradução a partir de palavras e, sim, a partir da compreensão de signos não verbais, como os gestos e as imagens. Ao analisarmos a figura 01, podemos fazer algumas inferências para o significado do gesto apresentado, como: representar o V de vitória ou sinal de paz, ou até o numeral 2 quando em contagem nos dedos. Porém, se voltarmos a palma da mão para dentro, assim como mostra a figura 02, pode ser entendido como um gesto ofensivo em países do Reino Unido.

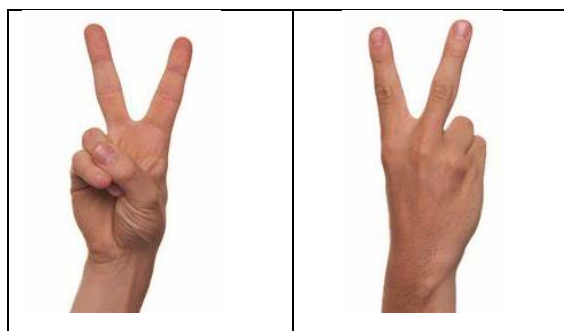


Figura 01

Figura 02

Pode-se, ainda, interpretar com as lentes do nosso entendimento socio-cultural, as figuras a seguir, vejamos:



Figura 03



Figura 04

Pode-se inferir que a pessoa que reside na casa apresentada na figura 03 tem boas condições financeiras e um padrão de vida elevado e mora em uma região de clima tropical, enquanto a pessoa que reside na casa da figura 04 tem condições de moradia precárias e um padrão de vida baixo, mora em um país de clima semiárido, dada a cor do solo e vegetação.

É possível perceber o quão importante é a tradução e o quanto ela se faz presente. No entanto, engana-se quem acha ser o processo de tradução algo simples, pois, até entre teóricos, o conceito de tradução não é tão claro. Steiner (2005, p.71) aborda o assunto no sentido amplo da palavra, dizendo que a tradução ocorre quando uma pessoa “recebe uma mensagem verbal de qualquer outro ser humano” pois, para ele, o fato de pertencermos a uma determinada classe social, gênero, idade, dentre outros fatores, interferem diretamente na nossa comunicação, precisando, assim, de uma tradução do que está sendo dito de uma pessoa a outra.

Catford (1980, p. 20), estreita o sentido de tradução expondo que “a tradução é a substituição de material textual de uma língua por material textual equivalente em outra”. Aqui se percebe as nuances que os conceitos podem ter, pois agora o sentido está atrelado ao material textual que está em uma língua e que será substituído por material textual em outra língua.

Entende-se, portanto, que tradução nada mais é do que a troca de signos linguísticos desconhecidos pelo interlocutor por signos linguísticos que o interlocutor conhece. E essa troca de signos, será explanada no subtópico seguinte,

através das sete técnicas apresentadas por Vinay e Darbenet (1995), divididas em duas categorias gerais, que são:

- a tradução direta ou literal, que subdivide em empréstimo e decalque;
- a tradução oblíqua que subdivide em transposição, modulação, equivalência e adaptação.

2.1.1 As Técnicas de Tradução

Como já mencionado, são sete as técnicas de de Vinay e Darbenet. A primeira é a tradução direta ou literal. Essa ocorre quando há uma transferência de significados e significantes³ da língua de partida para língua de chegada, também chamada de *word-for-word translation*, seguindo a mesma ordem léxico-gramatical, e contendo o mesmo número de palavras. Como por exemplo: “*I left my glasses at home*”, em inglês, e “Eu deixei meus óculos em casa”, em português.

Já no empréstimo ocorre quando uma palavra que não pertence ao léxico da língua de chegada, é “emprestada” da língua de partida, sem sofrer modificação na sua estrutura levando também seu significado para língua de chegada, como por exemplo: *shopping*, *hot-dog*, *abajour*.

No entanto quando os empréstimos são traduzidos e aceitos na língua de chegada, temos então o decalque, no entanto a estrutura gramatical não se mantém semelhante, como por exemplo, arranha-céu, do inglês *sky-scraper*, e cachorro-quente como exemplo paralelo ao citado no empréstimo.

No tocante a tradução oblíqua tem-se a transposição, que ocorre quando a mudança de uma parte do texto por outra, sem modificar o sentido, por exemplo, “*They win!*” -> “Eles foram os primeiros”, há a mudança de ênfase do verbo “*win*” para o adjetivo “primeiro”, sem alterar o significado. Podendo aumentar ou diminuir

³ **significado** e **significante**. O primeiro é o conteúdo semântico, o sentido de um signo, já o segundo é a manifestação fônica do signo linguístico. (Dicionário da Língua Portuguesa, 1992)

o número de palavras durante o processo de tradução, como no exemplo, passou de duas palavras para quatro.

Já na modulação acontece “uma variação da mensagem, que se obtém por mudança de enfoque ou ponto de vista” (CAMPOS, 1986, p.28), exemplo: “*It does not seem unusual*” (literalmente: “Não parece estranho”), para “Parece normal”, no português. A equivalência ocorre quando dois idiomas utilizam de palavras diferentes para apresentarem um mesmo significado. Os provérbios e expressões idiomáticas são alvos dessa técnica. Exemplo: “*While there is life, there is hope*”, em inglês » “A esperança é a última que morre”, em português. E por último, a adaptação, ocorre quando uma situação da língua de partida não existe na língua de chegada, devido `diferenças culturais. Por exemplo: “*Fat cats*”, no inglês, > “vacas gordas”, no português.

Podemos ainda trazer a luz ao pensamento dos irmãos Campos, que defendiam a transcrição, e entendiam que traduzir é reinventar⁴. Ao analisar um texto poético, carregado de informações estéticas, onde alguns autores como Max Bense, julgavam inseparáveis, significado e apresentação do texto, os irmãos Campos enxergavam a oportunidade de recriar, assim quanto mais contaminado de dificuldades o texto, mais recriável e atraente ele é e mais oportunidades existirão para a recriação. Haroldo Campos (2011, p.16) exemplifica:

...do ponto de vista da transcrição, traduzir Guimarães Rosa seria sempre mais possível, enquanto “abertura”, do que traduzir José Mauro de Vasconcelos; traduzir Joyce mais viável, enquanto “plenitude”, do que fazê-lo com Agatha Christie). A disjunção poesia/prosa deixava de ser relevante frente a essa noção de “tradução criativa”, onde a condição de possibilidade se constituía, exatamente, com apoio no critério da dificuldade.

À essa possibilidade de tradução podemos apresentar nas palavras de Jakobson (1971, p.70) que:

Em sua função cognitiva, a linguagem depende muito pouco de sua configuração gramatical (grammatical pattern), porque a definição de

⁴ CAMPOS. Traduzir & trovar, p. 3.

nossa experiência está numa relação complementar com as operações metalingüísticas; o nível cognitivo da linguagem não somente admite, mas exige a recodificação interpretativa (recoding interpretation), isto é, a tradução.

Isso ocorre pelo simples e inexorável fato do falar de determinada linguagem, portanto toda experiência cognitiva pode ser traduzida, entendemos assim, que toda e qualquer língua existente poderá ser traduzida, pois decorrem das experiências dos seres que a detém.

Portanto, é possível notar que a tradução é executada através de várias técnicas, que podem ser utilizadas, com o intuito de alcançar um aspecto mais natural e próximo da realidade cultural no texto traduzido.

2.2. Fidelidade

Para outros teóricos, que serão apresentados mais adiante, o ponto mais relevante na tradução é a fidelidade, do texto meta, ao texto de origem. Porém, cada teórico aborda sob um ponto de vista, assim como apresenta Benjamin (2008, p.37) a respeito da tradução poética “compreende-se facilmente que a fidelidade quanto à reprodução da forma dificulta a fidelidade que devemos ao significado.” Expondo que ao realizarmos uma tradução que se atenha a seu significado fielmente, perderá a contraponto a forma poética do texto. Em contrapartida, o húngaro Ronai (2012, p.150) expressa que “a fidelidade é outra das falácias da tradução” e esclarece esse ponto:

Mas por mais perfeita que seja a interpretação, a impressão do leitor estrangeiro será sempre diferente da do leitor patricio do autor, e que lê a obra com o entendimento moldado por um *background* e uma experiência comuns. Por melhor que seja a tradução brasileira de *A la recherche du temps perdu*, que foi executada por um grupo seleto de grandes escritores – ao leitor não familiarizado com o ambiente, a literatura, a história, a língua da França, parte das alusões, das indiretas, das ironias, das reticências, há de escapar sempre.

Falácias essas vistas, pois para Ronai (2012) o tradutor não é invisível por ter experiências de vida diferentes das do autor, e essas, irão alterar a maneira como o tradutor vê o texto original e, apesar do esforço de reproduzi-lo tal qual,

nunca será igual ao original. Completando o pensamento de Ronai (2012), sobre a (in)visibilidade do tradutor, o teórico Venutti (1995, p.01) expõe:

*A translated text, ..., is judged acceptable by most publishers, reviewers, and readers when it reads fluently, when the absence of any linguistic or stylistic peculiarities makes it seem transparent, giving the appearance that it reflects the foreign writer's personality or intention or the essential meaning of the foreign text—the appearance, in other words, that the translation is not in fact a translation, but the “original.”*⁵

Para Venutti quanto mais fluência o tradutor tiver, mais visível será o autor e a mensagem do texto original e, conseqüentemente mais invisível será o tradutor.

Já para Steiner (2005, p.323), a fidelidade vai além e se confunde com a ética:

A fidelidade é ética, mas também, em sentido pleno, econômica. Em virtude da delicadeza (e a delicadeza intensificada é uma visão moral), o tradutor- intérprete cria uma condição de troca significativa. As flechas do significado, da doação cultural e psicológica se movem nas duas direções. Idealmente, há troca sem perda.

Percebe-se, na fala de Steiner que mesmo significantes distintos os significados se mantêm, havendo troca, mas não perda, compreendemos então que há, em uma tradução, o enriquecendo da língua de chegada sem prejudicar em nada a língua de partida. Entende-se que durante o processo de tradução, o que se tem em mente, para alcançar um bom resultado, leia-se uma boa tradução, é que o tradutor precisa se manter fiel a mensagem que o autor quer transmitir no texto de origem. Para alcançar esse objetivo, o tradutor precisa ter domínio da sua própria língua, e a língua a ser traduzida, acrescentando a isso, ter conhecimento cultural das duas realidades a serem “comparadas”, mantendo sua invisibilidade, ou seja, sem interferir no conteúdo original, pode também, utilizar-se de algumas técnicas de traduções, como vimos no capítulo anterior.

⁵ Um texto traduzido... é julgado aceitável pela maioria dos editores, críticos, e leitores quanto a leitura flui, quando a ausência de peculiaridades linguísticas ou estilísticas fazem-no transparente, dando ao texto a aparência de refletir a personalidade do autor estrangeiro ou a intenção ou a mensagem essencial do texto estrangeiro – em outras palavras, dá a aparência de que a tradução não é tradução, e sim o texto original. **(Tradução nossa)**

METODOLOGIA

3.1 Tipo de Pesquisa

O tipo de pesquisa utilizado no presente trabalho foi a bibliográfica e documental, pois estas oferecem os materiais e dados necessários para discussão e apresentação do conteúdo, tais como, livros, periódicos científicos, reportagens, entrevistas, revistas. E utilizou-se também o método comparativo pois foi feita uma comparação entre alguns trechos da obra em inglês, obras *Harry Potter and the Sorcerer's Stone* (2018), a obra em português, *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2000), e em alguns momentos a obra em espanhol *Harry Potter y la piedra filosofal* (1999).

3.2 Amostra

Foi utilizado como amostra os livros *Harry Potter and the Sorcerer's Stone* (2018), o livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2000) e o livro *Harry Potter y la piedra filosofal* (1999).

3.3 Técnicas de Coleta de Dados

Para a coleta de dados, foram retirados trechos da obra *Harry Potter and the Sorcerer's Stone* (2018), do livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2000) e do livro *Harry Potter y la piedra filosofal* (1999), com o intuito de analisar as traduções feitas por Lia Wyler.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo são analisados os excertos dos livros em português, inglês e em alguns momentos espanhol, comparando-os para observar a tradução feita por Wyler e analisar a fidelidade ao texto de origem, excertos estes previamente escolhidos no início do trabalho.

São analisados de acordo com as técnicas descritas por Vinay e Darbenet (1995) (tradução direta: literal, empréstimo e decalque; e tradução oblíqua: transposição, modulação, equivalência e adaptação) apresentadas anteriormente **nesse projeto**. Começamos a análise pelos nomes próprios de alguns personagens, depois analisar-se-á algumas palavras referentes ao mundo Harry Potter, à personagem Rubeo Hagrid, aos títulos da obra, feitiços e, por último, à poesia.

A obra de Rowling (2018) é repleta de expressões, tais como *Quidditch*, *Gryffindor*, *Slytherin*, *Ravenclaw*, *Hufflepuff*, *Muggles*, palavras já existentes que adquiriram novos significados e outras criadas pela própria autora para apresentar esse novo mundo cheio de magia, com bruxos, animais mágicos e criaturas mitológicas. Para traduzir esse mundo, Wyler (2000) utilizou-se de várias técnicas de tradução que analisamos através de trechos da obra.

No primeiro momento, são abordados os nomes das personagens, os quais os principais se mantiveram tal qual Inglês, seguindo os passos de Kaindl (2010, p. 38) que observa que “as traduções de títulos são consideradas critério de marketing e que, desde 1960, a tendência de manter os títulos na língua meta tem prevalecido, especialmente se eles incluem os nomes dos protagonistas”, que é o caso da obra em análise.

Dessa forma, a tradutora optou por modificar somente alguns nomes, aproximando de nomes **mais** brasileiros, deixando as personagens mais próximas dos leitores, como, por exemplo, a personagem que dá o nome à obra, Harry James Potter, em português, Harry Thiago Potter. A tradutora fez uso da equivalência, já que fora adotado o nome nas primeiras Bíblias cristãs, advindo do hebreu Ya’akov (יעקב) — Jaco, variando também para Iago, Jacó, Jacob, Jaime e Thiago, tornando-o mais próximo de nossa cultura. Albus Dumbledore (i), albus do latim, branco, alvo,

em português, Alvo Dumbledore. Severus Snape, severus do latim, severo, em português, Severo Snape, dentre outros.

5.1 Palavras referentes ao mundo mágico de Harry Potter

Vale ressaltar que, a tradutora sempre respeitou as diferenças culturais. Para ela, ‘o leitor precisa perceber que o livro foi escrito em outro país, onde as pessoas têm outros hábitos e costumes’.⁶ Durante seu trabalho na série ela procurou segundo ela, ‘apenas acompanhar o registro da autora em português mantendo intocados os costumes e maneirismos da cultura britânica’.⁷ No entanto, Wyler optou muitas vezes por abrigar nomes fazendo uma adaptação. E essa decisão fora aprovada pela própria autora, como podemos ver em entrevista concedida aos Cadernos de tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina:

...Deparou-se com um grande número de nomes próprios inventados pela autora. Como lidou com essa situação?

Lia: Recriando-os, procurando remontar às mesmas fontes que a autora, consultando-a. Aliás, à minha primeira consulta, a Sra. Rowling - que fala o português - me respondeu pedindo que lhe mandasse uma lista das traduções a que eu chegara. Ela as aprovou sem ressalvas - os livros ainda não tinham virado série, não eram sucesso mundial, nem assunto para tabloides e revistas domingueiras (CADERNOS D E TRADUÇÃO-UFSC, 2001, p.212).

- **Muggles**

A primeira vez que a palavra aparece é no primeiro capítulo do livro, página 05, quando tio Valter esbarra em um homem na saída do prédio onde trabalhava, e ao pedir desculpas o homem responde: “*Don’t be sorry, my dear sir, for nothing could upset me today! Rejoice, for You-Know-Who has gone at last! Even Muggles like yourself should be celebrating, this happy, happy day!*”

⁶ Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG79809-5856,00.html>>

⁷ Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG79809-5856,00.html>>

A princípio, Tio Valter não compreende o que o homem dissera, ‘... *he had been called a Muggle, whatever that was*’, e os leitores certamente também não. Somente no capítulo 4, página 35, que os leitores descobrem seu significado junto com a personagem principal, quando Hagrid explica para Harry, após seu questionamento: “...*it’s what we call nonmagic folk like them.*”, fazendo referência ao tio Valter e sua família.

Dessa forma a história desse novo mundo é entendida pelos leitores ao mesmo passo que o personagem principal, fazendo com que leitor e personagem descubram esse mundo mágico juntos. Assim, o leitor se sente parte da história, história essa que vai durar por mais sete anos.

É possível observar no quadro abaixo, o trecho acima citado nas suas versões em inglês, espanhol e português:

Tabela 01

Harry Potter and the sorcere’s stone	Harry Potter y la piedra filosofal	Harry Potter e a pedra filosofal
“Don’t be sorry, my dear sir, for nothing could upset me today! Rejoice, for You-Know- Who has gone at last! Even Muggles like yourself should be celebrating, this happy, happy day!” (ROWLING, 1999,p.05) 2018	—¡No se disculpe, mi querido señor, porque hoy nada puede molestarme! ¡Hay que alegrarse, porque Quien- usted-sabe finalmente se ha ido! ¡Hasta los muggles como usted deberían celebrar este feliz día! (ROWLING, 1999, pag.04)	— Não precisa pedir desculpas, caro senhor, porque nada poderia me aborrecer hoje! Alegre-se porque o Você-Sabe-Quem finalmente foi-se embora! Até trouxas como o senhor deviam estar comemorando um dia tão feliz! (ROWLING, 2000, pag.10)

Fonte: a autora

É percebido que, na língua espanhola, optou-se pela permanência da palavra “*muggles*” grafada do mesmo jeito que no inglês e, em português, houve a tradução para a palavra “trouxas”.

Alguns leitores, ao ouvirem a palavra *Muggles*, podem lembrar-se de imediato o sentido que Rowling expôs. No entanto, a palavra já aparecera anteriormente, como no romance de John Steinbeck, *Sweet Thursday*, de 1954, na passagem se lê:

... And then the countryside was laid out on graphing paper and the search for the pointed leaves of the marijuana went on in ever – widening circles: northpast Santa Barbara; east to the Colorado River; South as far as the

*border. The border was sealed, and it is well known that **muggles** does not grow in the Pacific Ocean (STEINBECK, 1954, p.22).*

Nota-se aqui que o sentido da palavra é relacionado a maconha, e com esse sentido também aparece em outro livro, chamado: *The empereor's wear no Clothes* de Jack Herer (2007, p. 2-3): *Cannabis Sativa L., Also known as: Hemp, cannabis hemp, Indian (India) hemp, true hemp, **muggles**, weed, pot, marijuana, reefer, grass, ganja, bhang, "the kind", dagga, herb, etc., all names for exactly the same plant!*". O uso da palavra *muggles* nesse sentido ainda perdura. Entretanto, um novo significado fora atribuído a partir de 2005, pelo Dicionário de Cambridge: "a person who does not have a particular type of skill or knowledge" e exemplifica "When it comes to knitting and sewing I'm a total muggle." Definição, esta, que fora incluída no dicionário após as obras de Rowling.

Contudo, a tradutora Wyler, em entrevista para o site *The Enemy*⁸ (2003), declara:

A autora declarou em juízo, na Inglaterra, que a palavra e seus "n" significados foi por ela usada no sentido de "fool". Fiz uma análise de todas as palavras que significavam "fool" em português e me fixei em "trouxa" por ser mais forte que tolo ou bobo e mais branda que "otário", e, ainda, por lembrar a sonoridade de "bruxo". Trouxa é o indivíduo incapaz de devanear, de sonhar, de fantasiar de cara limpa (FORTUNATO, 2003, s.p.).

● As casas de Hogwarts

As casas da escola Hogwarts levam o sobrenome de seus fundadores. Esses, os bruxos mais poderosos de uma época, que decidiram admitir em suas respectivas casas, pessoas que possuíssem as qualidades que eles julgavam serem importantes em uma pessoa. Portanto se dividiram em 4 casas, exemplificadas aqui, com o nome dos seus respectivos fundadores, em sua escrita em inglês e português, no quadro a seguir:

Tabela 02

Fundador	Casa-Inglês	Casa-Espanhol	Casa-Português
Godric Gryffindor	<i>Gryffindor</i>	<i>Gryffindor</i>	Grifinória
Salazar Slytherin	<i>Slytherin</i>	<i>Slytherin</i>	Sonserina
Rowena Ravenclaw	<i>Ravenclaw</i>	<i>Ravenclaw</i>	Corvinal

⁸ Disponível em: <<https://www.theenemy.com.br/games/omelete-entrevista-lia-wyler-a-tradutora-de-harry-potter>>

Helga Hufflepuff.	<i>Hufflepuff</i>	<i>Hufflepuff</i>	Lufa-Lufa
-------------------	-------------------	-------------------	-----------

Fonte: a autora

Os nomes dos fundadores se mantêm iguais tanto no espanhol quanto no português. No entanto, os nomes das casas se alteram somente no português, como pode-se observar na tabela 02. Na versão em espanhol, os nomes das casas se mantiveram iguais aos do inglês. Já na língua portuguesa, a tradutora dá preferência à adaptação, que mantém algo parecido com o original, porém com uma sonoridade mais “regional”, sofrendo uma adaptação, se tornando inteligíveis aos falantes do português. Conseguiu-se uma breve explicação para a tradução feita para Sonserina, onde em entrevista para a revista *época* em 2003, a tradutora expõe a sua escolha pela palavra ‘sonso’, “todo sonso é escorregadio, malandro”, além disso ‘sly’ quer dizer ‘dissimulado’, fingido’. Pontuando assim, as características comuns aos personagens pertencentes à casa.

- **Quadribol**

A palavra original para o famoso jogo bruxo, e preferido de Harry Potter é *Quidditch*. A autora inventou essa palavra com as junções de *queer* (estranho) e *ditch* (vala). Segundo ela, a pronúncia de *queer ditch* foi mudando ao longo do tempo entre os magos até virar Quidditch. Em português, a tradutora optou por adaptar para Quadribol, pois o jogo bruxo possui quatro bolas, utilizando o prefixo *quadri-*, e terminando com “-bol”, que aparece em muitos dos nomes de esportes que utilizam bola no português, sendo uma adaptação para “ball” em inglês, assim como futebol, voleibol, basquetebol, beisebol.

5.2 Rúbeo Hagrid

A personagem Hagrid, na obra em inglês, tem um vocabulário semelhante a uma pessoa do interior, um falar “caipira” ou sem estudo, pois a personagem não completa as palavras como “*anythin*”, além de cometer erros de pronúncia, falando “yer” ao invés de “your”, “*myst’ry*” ao invés de “*mystery*” e “*ter*” ao invés de “*to*”, assim como observamos no trecho a seguir:

Tabela 03

<p><i>"Now, yer mum an' dad were as good a witch an' wizard as I ever knew. Head boy an' girl at Hogwarts in their day! Suppose the myst'ry is why You-Know-Who never tried to get 'em on his side before... probably knew they were too close ter Dumbledore ter want anythin' ter do with the Dark Side"</i> (ROWLING, 2018, P.55).</p>	<p>"Ora, sua mãe e seu pai eram os melhores bruxos que já conheci. Primeiros alunos em Hogwarts no seu tempo! Suponho que o mistério era por que Você-Sabe-Quem nunca tentou convencer os dois a se aliar a ele antes... provavelmente sabia que eram muito chegados a Dumbledore para querer alguma coisa com o lado das Trevas" (ROWLING, 2001, p. 52).</p>
--	---

Fonte: a autora

No entanto, nota-se que o texto em português, apresentado na tabela 03, quadro à direita, a personagem tem uma fala simples, informal, sem erros de português, ou vícios de fala. Isso acontece, pois a tradutora decidiu modificar tal característica, por ser difícil encaixá-la em um perfil "interiorano" do Brasil, dada a sua vasta diferença na fala entre regiões, Wyler fala sobre o assunto em entrevista concedida ao blog dapenseira⁹ :

O falar de Hagrid não foi traduzido por decisão da tradutora e da editora. A razão? Que falar o Hagrid deveria usar? O do favelado carioca, o do caipira paulista ou mineiro, o do nordestino, o do marginal? Isso seria um desvirtuamento do personagem que em vez de ser um "rústico" inglês entraria em crise existencialalaria um patuá alheio ao seu ambiente.

Dessa maneira, pode-se notar que, a escolha feita pela tradutora e editora não prejudicou, de forma alguma, a apresentação da personagem. Muito pelo contrário, evitou maiores problemas na aceitação da personagem dentro do cenário brasileiro, pois se possuísse alguma característica peculiar de determinada região seria questionado o porquê da decisão de dar aspectos linguísticos específicos de determinada região a uma personagem tão querida no universo Harry Potter, iria criar um conflito com as demais regiões. Apesar de que, com essa decisão, a tradutora perde a sua invisibilidade, pois altera o texto original ao padronizar a fala

⁹ <http://dapenseira.blogspot.com/2010/07/lia-wyler-e-traducao-de-harry-potter.html>>

da personagem. No entanto ela, a tradutora, se mantém fiel à mensagem a ser passada. A obra em nada perde, resultando em uma boa tradução.

5.3. Títulos

THE MIRROR OF ERISED
 ↓ ↓ ↓ ↓
 O espelho de Ojesed

Nesse exemplo, percebe-se o uso da tradução literal, pois para cada palavra em inglês tem sua equivalente em português, seguindo a mesma ordem gramatical. Sendo a última um anagrama, que em inglês é a palavra “*desire*” escrita ao contrário, e em português é “desejo”.

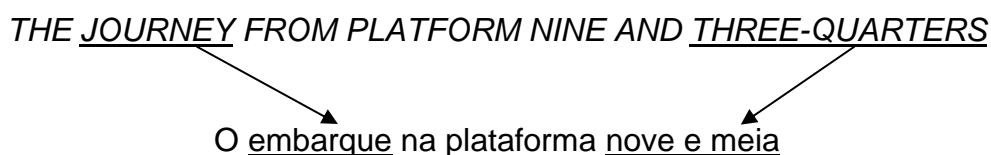
Outros exemplos são os capítulos: 13 *NICOLAS FLAMEL* -> Nicolau Flamel e 17 *THE MAN WITH TOO FACES* -> O homem de duas caras.

THE BOY WHO LIVED
 ↓ ↓ ↓ ↓
 O menino que sobreviveu

Nas 3 primeiras palavras, temos um exemplo de tradução literal pois tem-se a mesma quantidade de palavras, na mesma ordem, com seus respectivos significados. No entanto, a quarta palavra *lived* sofre um processo de transposição, pois substituiu a palavra *lived* que tem seu significado “viveu”, “vivenciou”, por “sobreviveu”. Portanto não altera o sentido do texto, já que Harry, o menino na história, sobreviveu a uma tentativa de assassinato.

DIAGON ALLEY
 ↘ ↙
 Beco Diagonal

Nesse exemplo, a tradutora utilizou-se do decalque, pois as palavras em inglês encontram equivalentes em português. Em inglês, *alley*, que em português pode ser traduzido como “beco, viela, ruela” e *diagon* (palavra inexistente em inglês) que faz referência à “*diagonal*”, em português “diagonal”. Talvez, mais um jogo de palavras utilizado pela autora, já que *Diagon Alley* tem a mesma pronúncia que *diagonally*, em português “diagonalmente”.



No exemplo acima vemos uma adaptação, pois podemos notar que a tradutora prefere trocar a palavra em inglês *journey* que tem seu significado em português “viagem”, “jornada”, por “embarque” palavra comumente utilizada em rodoviárias, aeroportos, estações de trens, para ingressar no transporte e seguir viagem. E a substituição de *nine and three-quarters* por “nove e meia”. Entendendo o fato de que no Brasil o conhecimento de frações não é utilizado tanto quanto na Inglaterra, e não da mesma maneira, lembrando que, o público alvo do livro são crianças entre 9 e 12 anos de idade. É sabido que a intenção da autora fora numerar uma plataforma, “não visível aos olhos dos trouxas”, entre as plataformas “visíveis” 9 e 10, podemos entender a escolha da tradutora, ao utilizar uma tradução cultural, ao nominar tal plataforma intermediária pela palavra “meia”, ou seja, plataforma que está entre a 9 e a 10, é a plataforma nove e meia.

5.4 Feitiços

Alguns feitiços na saga são considerados empréstimos linguísticos, pois não foram traduzidos, somente absorvidos pela língua de chegada, com seus significantes e significados. Enquanto outros foram adaptados. No quadro abaixo alguns dos feitiços exemplificados.

Tabela 04

Feitiço em Inglês	Feitiços em Português
<i>ALOHOMORA</i>	ALLORROMORA
<i>WINGARDIUM LEVIOSA</i>	VINGARDIUM LEVIOSA
<i>LOCOMOTOR MORTIS</i>	LOCOMOTOR MORTIS
<i>PETRIFICUS TOTALUS</i>	PETRIFICUS TOTALUS

Fonte: a autora

Percebemos que os dois primeiros exemplos do quadro foram adaptados, pois sua grafia se altera deixando-a mais aportuguesada, já que na palavra em inglês, *Alohomora*, o som da letra “H” é equivalente ao som do “RR” em português, como nas palavras: “cachorro”, “churros” e “sorriso”, mantendo assim a sonoridade semelhante à da palavra em inglês. E na segunda, *Wingardium leviosa*, houve a troca do “W” pelo “V”, pois, como o “w” não é comumente usado na língua portuguesa, utilizado em palavras estrangeiras ou nomes próprios, como: waffer, Winston, Walter, então acreditamos que a troca do som “u” feito pelo W, não soaria natural para o público assim como o V que tem no nosso dicionário, e é bastante comum, com palavras como: Valter, vitória e vaso.

Nos demais exemplos do quadro, os feitiços *Locomotor mortis* e *Petrificus totalus* possuem pronúncia semelhante ao português, sendo desnecessária quaisquer adaptações.

5.5 Poesia

Apresentaremos e analisaremos aqui, o canto do chapéu seletor, um ritual importante para os novos estudantes de Hogwarts, pois é quando se é decidido em que casa vão ficar durante sua estadia na escola, portanto onde vão encontrar sua nova família.

O canto do chapéu seletor apresentado na obra em inglês tem em sua composição a rima, características das poesias, por proporcionar uma aproximação sonora entre duas palavras, provocando uma melodia/musicalidade, como se constata na tabela abaixo.

Tabela 05

<i>“Oh, you may not think I’m pretty,</i>	Ah, vocês podem me achar pouco atraente, Mas não me julguem só pela aparência
---	--

<p><i>But don't judge on what you see, I'll eat myself if you can find A smarter hat than me. You can keep your bowlers black, Yours top hats sleek and tal, For I'm the Hogwarts Sorting Hat And I can cap them all. There's nothing hidden in your head The Sorting Hat can't see, So try me on and I will tell you Where you ought to be."</i> (ROWLING, 2018, p.117)</p>	<p>Engulo a mim mesmo se puderem encontrar Um chapéu mais inteligente do que o papai aqui. Podem guardar seus chapéus-coco bem pretos, Suas cartolas altas de cetim brilhoso Porque sou o chapéu seletor de Hogwarts E dou de dez a zero em qualquer outro chapéu. Não há nada escondido em sua cabeça Que o chapéu seletor não consiga ver, Por isso é só porem na cabeça que eu vou dizer Em que casa de Hogwarts deverão ficar. (ROWLING, 2000, p. 104)</p>
--	---

Fonte: a autora

Pode-se observar na tabela 04, na coluna da direita, que a tradutora deu preferência ao sentido do texto do que à musicalidade das rimas, transformando o canto, com versos poéticos em prosa. Portanto ao analisarmos os versos em inglês, percebemos as rimas em versos alternados nas palavras em destaque: *see – me, tal – all, e see – be*. Porém, no quadro à direita, não encontramos tais características. No entanto, é possível perceber que o significado é mantido, pode-se ler e comparar cada verso e ver que a mensagem é transmitida tal qual a original. Wyler poderia ter se utilizado da licença poética para manter a sonoridade da música cantada. Entretanto, preferiu ater-se à fidelidade às palavras da autora e seus significados, deixando a tradução do trecho acima fiel à sua mensagem original.

Podemos notar também um processo de transcriação no quarto verso. Onde se lê : “ *A smarter hat than me*” -> “Um chapéu mais inteligente do que o papai aqui.”, a tradutora poderia optar por uma tradução mais direta, como: “ Um chapéu mais inteligente do que eu”. No entanto, ela escolheu trocar a forma simples “eu” por “o papai aqui”. Vê-se que a tradutora julgou ser mais interessante dar um tom mais esnobe ao chapéu que tudo sabe, tom esse que não seria enfatizado se escolhesse a forma mais simples. Essa decisão se encaixa no processo de transcriação, pois a tradutora deu uma nova roupagem ao que foi dito no idioma original, ela mostrou o que ela havia interpretado do tom e personalidade do chapéu, e expressou isso na sua escolha, “o papai aqui” é aquele que sabe muito, e por isso sente-se superior aos demais,

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, fez-se uma análise da tradução do livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2000), traduzido por Lia Wyler, do original *Harry Potter and the Sorcerer's Stone*, de J.k.Rowling (2018), sob à luz das técnicas apresentadas por Vinay e Dalbérnet (1995), e pelo processo de transcrição de Haroldo de Campos (2011), e teve, como objetivo, verificar se houve fidelidade na tradução, através de comparação entre trechos da obra em inglês e português.

Levantou-se três hipóteses para fazermos tal análise, sendo que a primeira não se efetivou pois, não houve perda da identidade da obra no processo de tradução, tendo em vista um novo universo criado pela autora com expressões nunca vistas em obras anteriores, pois nada foi perdido em seu conteúdo, pelo contrário, a tradutora enriqueceu a língua portuguesa com nomes criados por ela a partir do universo da escritora, tais como: Grifinória, Sonserina, Lufa-lufa, Corvinal, quadribol e trouxa.

Já a segunda hipótese foi confirmada, pois ela trata da fidelidade ao personagem Rúbeo Hagrid. Percebeu-se que houve alteração na apresentação da personagem, com relação a sua fala pois, na obra em inglês, possui uma linguagem mais distante da norma culta, com características de uma pessoa que não conseguiu concluir seus estudos e que, na tradução, aparece com linguagem formal. No entanto, a mensagem da fala da personagem foi passada, de maneira fiel, garantindo a compreensão da história e conseguindo transparecer a simplicidade, bondade e inocência da personalidade da personagem. A tradutora, ainda conseguiu evitar, com essa escolha, conflitos em relação à identidade do personagem aqui no Brasil, dada a ampla variedade de sotaques, como por exemplo, as características da fala das pessoas do nordeste, do carioca, do caipira paulista ou das pessoas de minas gerais. Então a decisão de manter-se fiel à mensagem sobrepondo-se à forma do texto, fez com que a personagem permanecesse fiel a original.

E a terceira e última hipótese não se efetivou, pois não houve adaptação no processo de tradução que interferisse no entendimento cultural da obra, pois o

processo tradutório ocorreu de forma que se percebesse que a história não se passava no Brasil, dada a apresentação dos nomes das personagens, como por exemplo: Harry, nome tipicamente inglês, e os sobrenomes como Potter, Hagrid, Dumbledore, Snape, onde é possível notar corresponderem nomes não característicos brasileiros.

Percebeu-se também a invisibilidade da tradutora, pois apesar de adaptações feitas, as palavras inteligíveis ao público, como no exemplo citado anteriormente do enriquecimento da língua portuguesa, as palavras diretamente relacionadas ao mundo mágico de Harry Potter, o texto flui de maneira a refletir a personalidade do autor estrangeiro.

A análise da tradução da obra *Harry Potter and the Sorcerer's Stone* (2018) se fez relevante para ampliação das discussões sobre fidelidade em textos literários nos estudos da tradução, pois traz, em suas linhas, os desafios que um tradutor enfrenta diante de um texto literário que apresenta palavras novas que não se encontram em nenhuma fonte de pesquisa ou dicionários, por exemplo, obrigando o tradutor a criar também novas palavras na língua de chegada.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução**: A teoria na prática. 4ª ed. Editora ática. São Paulo – SP.

BENJAMIN, Walter. **A tarefa do tradutor**, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português. Belo Horizonte. Fale/UFMG 2008.

< <http://escritoriolivro.com.br/bibliografia/Benjamin.pdf> > Acesso em: Jan 2020.

BOHUNOVSKY, Ruth. **A (im)possibilidade da “invisibilidade” do tradutor e da sua “fidelidade”**: por um diálogo entre a teoria e a prática de tradução. Artigo científico (UNICAMP). Cadernos de Tradução, v. 2, n. 8, 2001.

CAMPOS, Geir. **O que é tradução**. Coleção primeiros passos 166. Editora Brasiliense. 1986.

CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de. Traduzir & trovar. São Paulo: Papyrus, 1968.

CAMPOS, Haroldo de. **Da transcrição** poética e semiótica da operação tradutora. FALE/UFMG – Laboratório de Edição. Belo Horizonte, 2011.

CARVALHAL, Tania Franco. **Organon**. Porto Alegre. Vol. 7, n. 20 (1993), p.47-52, 1993.

CATFORD, John Cunnison. **Uma Teoria Lingüística da Tradução**: um ensaio de lingüística aplicada. (Trad. do Centro de Especialização de Tradutores de Inglês do Instituto de Letras da PUC de Campinas.). São Paulo: Cultrix, 1980.

COSTA, Pablo Cardellino Walter Carlos. Verbetes publicados em 8 de fevereiro de 2008. Dicionário de Tradutores Literários no Brasil.

<https://dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/LiaWyler.htm>

DA PENSEIRA. Lia Wyler e a Tradução de Harry Potter. Terça-feira, 6 de julho de 2010. <<http://dapenseira.blogspot.com/2010/07/lia-wyler-e-traducao-de-harry-potter.html>> Acesso em: jun. 2019.

DELISLE, Jean. **História da tradução**: sua importância para a tradutologia, seu ensino através de software multimídia e multilíngue. Traduzido do francês por Fernando Afonso de Almeida. Gragoata Niteroi, n. 13, p. 9-21, 2. sem. 2002.

<<http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/download/809/561>> Acesso em: jul.2019.

DE TRADUÇÃO, Cadernos. Entrevista com Lia Wyler. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 8, p. 205-231, jan. 2001. ISSN 2175-7968. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5894/5574>>. Acesso em: 23 out. 2019. doi:<https://doi.org/10.5007/%x>.

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Larousse Cultural. Ed. Nova Cultural. 1992

FORTUNATO, Ederli. **Omelete entrevista**: Lia Wyler, a tradutora de Harry Potter. 28.11.2003
<<https://www.theenemy.com.br/games/omelete-entrevista-lia-wyler-a-tradutora-de-harry-potter>> Acesso em: out. 2019.

IBIAPINA, João Nonon de Moura Fontes. **Vida gemida em sambambaia**.1985. Editora: Clube do Livro

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Editora Cultrix. São Paulo. 2007.

JAKOBSON, Roman. **Lingüística e comunicação**. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1971.

KAINDL, K. **Comics in translation**. In: GAMBIER, Y.; DOORSLAER, L. van (Edit.) John Benjamins Publishing Company. 2010. <<https://doi.org/10.1075/hts.1.comi1>> Acesso em: dez. 2018.

RONÁI, Paulo, **A tradução vivida** – 4.ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

ROWLING, J.K. **Harry Potter and the Sorcerer's Stone**. Scholastic. U.S.A. 2018.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Ed. Rocco. Rio de Janeiro. 2000

ROWLING, J.K. **Harry Potter y la piedra filosofal**. Emecé Editores. España. 1999. <http://www.liceotr.cl/biblioteca_digital/J.K.%20Rowling%20-%202001%20-%20Harry%20Potter%20y%20la%20Piedra%20Filosofal.pdf> Acesso em: Jan.2020.

SAUSSURE, Ferdinand de, 1857-1913. **Curso de linguística geral** - 27. ed. - São Paulo : Cultrix, 2006.

STEINER, George. **Depois de Babel**: questões de linguagem e tradução. Traduzido da 3.edição.(1998). por Carlos Alberto Faraco. – Curitiba: Ed. UFPR, 2005.

VINAY, Jean-Paul; DARBELNET, Jean. **Comparative Stylistics of French and English**. A methodology for translation. 1995. John Benjamin Publishing Company. Acesso em: 2019
<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/17199/modresource/content/1/09VinayDarbelnet.pdf>

VENUTI, L. The Translator's Invisibility: a History of Translation. London and New York: Routledge, 1995. <<http://dx.doi.org/10.4324/9780203360064>>

VELLOSO, Beatriz. A magia da tradução. Autora das versões brasileiras de Harry Potter, Lia Wyler conquista leitores e lança livro sobre a história de sua profissão no país. **Revista Época**. 2003.
 <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR61396-6011,00.html>>
 Acesso em: jan. 2019.